

A Mulher Profissional e os Direitos Humanos*

Eliane Elisa de Souza e Azevêdo

Nesse momento, para mim, a visão do mundo moderno que mais se ajusta à realidade do título de Cidadã da Cidade do Salvador, que ora recebo, é aquela apresentada por Stuart Mill quando diz que:

“O que mais caracteriza o mundo moderno é que a pessoa já não nasce no lugar que há de ocupar durante a vida”.

Há alguns séculos, o escravo nascia escravo e a escravatura era o seu lugar na vida. Não apenas os escravos, mas também os senhores, os poderosos, os ricos, os pobres, os miseráveis, os da cidade e os do interior... cada um já nascia no espaço do que seria.

O mundo moderno, todavia, gerou forças transformadoras na sociedade, as quais movimentam as pessoas do seu espaço de nascimento a espaços outros, planejados ou não. E à medida que as forças sociais interagem com o nosso eu, e nos movimentam... sentimos que a nossa vida se torna cada vez menos pessoal e mais circunstancial.

Meu espaço de nascimento foi Tanquinho, no interior deste Estado. Até a idade de quatro anos, meu universo limitava-se às crianças da minha rua.

Com a idade referida conheci Salvador pela primeira vez. Em meu espírito confundia-se a alegria da viagem com a tristeza dos meus pais. Para mim, o encanto de conhecer a cidade grande; para eles a

certeza do meu diagnóstico de poliomielite aguda. Não me recordo como reagi a essa realidade, mas lembro que, se minha locomoção limitou-se, muita coisa em mim ampliou-se.

Ainda em Tanquinho, a frequência à escola primária tornou-se possível graças ao suporte de uma tecnologia elementar – o meu velocípede, e ao companheirismo diário de alguns amigos. O apoio que recebi construiu muita coisa boa em meu espírito e fez-me crer na bondade das pessoas.

De Tanquinho meu espaço de moradia ampliou-se: - Feira de Santana, Salvador, São Paulo; Honolulu e Seattle nos Estados Unidos; Londres na Inglaterra e novamente Salvador. Morando nesses locais, conhecendo outros povos e outras culturas, valorizei o que é nosso. Por opção consciente escolhi Salvador e a Universidade Federal da Bahia para viver e trabalhar. Aqui estou, na Faculdade de Medicina da Bahia da UFBA, há 16 anos e daqui observo as mudanças do mundo moderno em tudo que nos rodeia, principalmente, no que se refere à mulher.

O título que acabo de receber foi proposto pela vereadora Eliana Kertész. Confesso que esse fato exponencia minha satisfação e torna minha gratidão muito profunda. Admiro Eliana pelo destemor com que assumiu a carreira política, e pela postura firme no desempenho do seu mandato.

Temos pouca tradição de mulheres na política; seja local ou nacional. Consequentemente, a falta de referencial histórico exige muito mais das mulheres que hoje constroem a história política desta Cidade, deste Estado e deste País.

Não apenas na política, mas também no exercício de certas profissões, no desempenho de cargos e funções, a presença da mulher mal começa a ser revelada. E se nos dispusermos a buscar na história nomes de mulheres que com competência desempenharam funções, teremos dificuldades, porque também a história não é escrita com justiça.

Recebido em 20/04/2007

Aceito em 26/06/2007

Endereço para correspondência: Núcleo de Pesquisa e Estudo Transdisciplinar em Bioética, Faculdade de Medicina da Bahia, Largo do Terreiro de Jesus 40026-010 Salvador, Bahia. E-mail: eedsea@uol.com.br.

* Discurso proferido em 09 de outubro de 1985 quando do recebimento do título de Cidadã da Cidade do Salvador conforme Resolução nº. 623/85 da Câmara Municipal de Salvador.

Quem de nós conhece a história do seu próprio povo escrita segundo a visão dos menos favorecidos? das minorias? dos oprimidos? dos negros? dos índios? ou das mulheres?

E ainda que seja na história da luta dos oprimidos que esteja o referencial das forças que necessitam, pouco conhecemos dessas lutas, porque para os que escrevem a história importam apenas os feitos de seus próprios heróis.

Teria sido Hipácia, filósofa grega, a única mulher a destacar-se como erudita da antiguidade, ou teriam outras mulheres sido injustiçadas pelos historiadores? Por que a mitologia criou deusas protetoras da Medicina como Ísis no Egito, Saravarti na Itália, etc. se na antiguidade não havia nenhuma concessão oficial para a mulher exercer a medicina?

Todavia, desde os hebreus, egípcios, gregos e romanos as mulheres sempre praticaram obstetrícia de forma não oficial e dessa mesma forma acumularam grande experiência e conhecimentos, os quais eram transmitidos de umas às outras. Assim, quando no século XIII foi permitido às mulheres escrever livros, não foi sem razão que Trótula de Salerno escreveu valioso tratado de obstetrícia e ficou considerada como a primeira médica da história.

Contudo, somente um século depois, no ano de 1311, publicava-se em Paris um famoso édito, o qual permitia às mulheres fazer exames para a cirurgia, mas não para medicina. Àquela época, cirurgia era uma profissão leiga, artesanal, vista com desprezo pelos médicos, que se consideravam nobres detentores do saber, enquanto que os cirurgiões não tinham nenhum conhecimento científico. A distância do valor social entre o médico e o cirurgião era tal que em seu juramento o médico prometia “jamais ser cirurgião”. Assim, foi à cirurgia e não à medicina que às mulheres foi permitido o acesso.

No século XIV, por resolução oficial, a França passa a considerar a cirurgia como profissão digna e honrosa. Todavia, somente dois séculos depois, em 1754, é que, na Alemanha, para assombro do resto do mundo, diploma-se, oficialmente, a primeira mulher médica: a Dra. Dorotéa Christina Erxleben.

A lei, no entanto, não mudou a tradição; e as primeiras mulheres que freqüentaram escolas médicas na Europa e nos Estados Unidos sofreram perseguições, humilhações, apedrejamento e até expulsões pelo fato de suas presenças provocaram revoltas. Elizabeth Blackwell, a primeira mulher médica nos Estados Unidos, em 1849, foi recusada em onze escolas antes de ser aceita no Genova College em Nova York.

Para as brasileiras, somente em 1879, com a Reforma Leôncio de Carvalho, regulamentou-se:

“a liberdade e o direito da mulher freqüentar os cursos das Faculdades e obter um título acadêmico”.

E em 1887, há menos de um século atrás, diploma-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, a Dra. Rita Lobato Velho Lopes, primeira mulher médica da Bahia e do Brasil.

Também no Brasil a lei permite, mas só o tempo muda os costumes... e as mulheres médicas enfrentaram durante décadas toda sorte de preconceitos que as viam como sem competência, e mesmo pudor. E não raro, entre seus próprios colegas, as mulheres médicas eram alvo de brincadeiras ou anedotas pouco sociais. Devemos, todavia, reconhecer que tudo isso vem mudando, e com certa rapidez. Para alguns estudiosos do assunto o período de 1918 a 1930 foi marcado pela consolidação da competência da mulher. Para tanto, muito contribuiu o desempenho das mulheres na Primeira Guerra Mundial. Ao final da segunda Guerra trinta e seis países já lhes haviam conferido direitos políticos.

Atualmente, parece-nos que uma das práticas fundamentais é libertar a mulher de uma educação planejada para a submissão e o mito da inferioridade. No lar, na escola, nas igrejas e na sociedade em geral transmite-se, por palavras, conceitos e atitudes, a marginalização da mulher. Assim, educada para acreditar-se limitada e vivendo em espaços pré-limitados pela sociedade, a grande maioria viveu e morreu sem ter tido a chance de desenvolver seu próprio potencial.

Quem na história da humanidade foi capaz de revolucionar costumes, abrindo espaços e privilegiando a mulher?

Há dois mil anos, contrário aos costumes tradicionais da época, um revolucionário libertador, entre outras coisas,

- aboliu o poder masculino, pregando a igualdade para todos;
- exaltou a transcendência da função materna;
- julgou com igualdade a mulher pecadora, convidando àquele sem pecado a atirar a primeira pedra;
- privilegiou a mulher samaritana, fazendo-a sua enviada a esse povo;
- ao morrer na cruz, entregou a humanidade aos cuidados maternos de Maria, Sua Mãe;
- e ao ressuscitar fez-se primeiro reconhecer pelas mulheres que iam visitar o túmulo.

Lamentavelmente, tudo isso tem recebido pouca ênfase na transmissão dos ensinamentos de Cristo pela Igreja que Ele criou igual para todos, mas que se hierarquizou com poderes restritos a um clero masculino.

E ainda hoje, ao aceitarmos Maria como a Mãe espiritual da humanidade, vemos exaltadas as qualidades de submissão como se submissão fosse sinônimo de santidade.

Não tenho dúvidas da mulher firme, corajosa e executiva que foi Maria, a Mãe de Jesus, sem prejuízo de suas qualidades, de serenidade, santidade e amor.

- Maria foi a primeira refugiada política da história quando, escapando à perseguição de Herodes fugiu para o Egito, a fim de proteger a vida de seu filho;
- Maria também foi a mulher que contrariando os costumes da época era a única presença feminina na reunião com os apóstolos, quando do evento de Pentecostes;
- Também foi Maria quem deliberou o momento do primeiro milagre e providenciou junto a Jesus a transformação da água em vinho nas Bodas de Caná;

- Aos pés da Cruz, no Calvário, Maria não desmaiou, gritou ou desesperou... mas, manteve-se de pé e em silêncio numa atitude modelar de mulher Santa.

Desde a revolução agrícola, há 10 mil anos atrás, que a humanidade vem se transformando social e culturalmente.

No decorrer desse tempo inventou-se a escrita e dela progrediu-se da cuneiforme à eletrônica; passou-se da domesticação de animais para transporte, ao uso de aviões supersônicos; viveu-se a revolução científica, a revolução industrial e já se aproxima a revolução biotecnológica. Pela ciência e tecnologia, a humanidade hoje entende, modifica ou controla um grande número de fenômeno da natureza. Não apenas isso, mas a humanidade já conseguiu decifrar o código da vida, manipular as moléculas de DNA e tornar-se capaz de programar a reprodução.

Todavia, existe vergonhoso descompasso entre o que a humanidade progrediu em ciências e em tecnologia e o que ela progrediu no reconhecimento dos direitos humanos para homens e mulheres. Foi preciso a Revolução Francesa para a proclamação dos Direitos Humanos Francês; e foi necessário chegar-se à metade do século XX para que os direitos humanos de qualquer um fossem dignificados com uma declaração internacional. Mas, não obstante a lentidão com que a humanidade progride em relação aos direitos humanos, a grande esperança advém da luta por sua conquista.

Por exemplo, o nosso país recentemente, mostrou ao mundo como reconquistar os direitos do povo. Quando no princípio deste ano viramos uma página da história do Brasil, cada brasileiro sentiu-se participante do processo. Mudamos, não apenas os métodos de exercitar a democracia, mas, fundamentalmente, mudamos a nossa participação em seu exercício. Se antes, no país, as coisas aconteciam e nós denunciávamos, agora, o nosso dever de cidadão, não é mais o de ter coragem de denunciar, mas o de ter a coragem de realizar.

Conquistamos o direito à reconstrução de nossa pátria e sabemos que ela não ocorrerá por milagre nem

por decreto, mas resultará do trabalho sério e comprometido de cada cidadão brasileiro.

Todos nós agora, temos o direito e o dever de fazer a história do Brasil. E mais que nunca, é dever fazê-la com justiça para todos, pois, queiramos ou não, este país será o que fizermos dele.

MEUS SENHORES,
MINHAS SENHORAS

Quando fui comunicada que receberia o título de Cidadã de Salvador, não apenas senti o significado dessa honraria, mas também reconheci que ao longo da minha vida foram muitas as pessoas que para ele contribuíram.

Tenho a convicção que ninguém se realiza por si mesmo, e que é, pela existência de outras pessoas que nos edificamos. É falso pensar que nossa vida é particularmente nossa e que nossa história é individual. O que os fatos nos comprovam é que tudo aquilo que conseguimos tem alicerces em pessoas que, de uma forma ou de outra, compartilharam no passado ou compartilharam no presente o nosso convívio.

E ainda que o título se ligue ao meu nome, tenho a consciência e a gratidão voltadas a inúmeros outros nomes que de certa forma participaram deste evento. Muitas dessas pessoas estão neste auditório e sabem que minha gratidão lhes diz respeito.

Muito obrigada.